



Thaísa Storchi *Bergmann*

TEXTO MARCO ANTINOSSI
DATA DA REPORTAGEM 08/2007

Imagem de um grupo compacto de galáxias (Hickson no. 87) obtida com o Telescópio Gemini Sul

*Astrofísica
Brasil*

Thaísa Storchi Bergmann

/ UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

TEXTO MARCO ANTINOSSI

Em Novembro de 1991, a astrofísica brasileira Thaísa Storchi Bergmann participava em mais uma noite de trabalho, no Observatório Inter-Americano de Cerro Tololo, a 2700 metros de altitude nos Andes chilenos. Seria a primeira de uma série de três noites de observação para o seu trabalho de pós-doutoramento. O alvo do telescópio naquela noite era uma galáxia a 60 milhões de anos-luz da Terra.¹ Ao analisar o espectro de luz da galáxia, a astrofísica detectou uma forte luz vermelha. O resultado era surpreendente. A cientista e o seu colaborador, Andrew Wilson, pensaram que se tratasse de um defeito do equipamento

mas, afastada a hipótese, um entusiasmo nervoso tomou conta deles.

Thaísa Bergmann estava a registar, pela primeira vez numa galáxia próxima da Terra, o chamado ‘disco de acreção’,² que veio confirmar a existência de um buraco negro de grande massa, equivalente a pelo menos um milhão de vezes a massa do Sol, no centro daquela galáxia.³ Um gigantesco aspirador de matéria. «Passei várias noites depois sem dormir, tal foi a minha excitação.» A observação daquela noite transformou a vida de Thaísa e teve grandes repercussões no entendimento que a astronomia moderna tem dos buracos negros.

O desejo de fazer ciência começou ainda cedo, na sua cidade natal de Caxias do Sul, a 130 quilómetros de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Despertou nela de forma espontânea. É filha de pai contabilista, de origem humilde que nunca frequentou a universidade. A mãe, professora primária, cursou a faculdade depois de criar a família. Thaísa nasceu em 1955, foi a primeira filha do casal, que tem mais duas filhas e um filho. A sua família é de origem italiana, de imigrantes que chegaram à região em 1870.

Thaísa Bergmann não teve propriamente alguém que influenciasse a sua escolha profissional. Foi na própria escola que escolheu aquilo de que mais gostava. «Tive bons professores que despertaram em mim o interesse pela ciência. Sabia desde criança que queria ser uma cientista», conta.

Lia muito. Montou um laboratório numa estante de sua casa, com soluções químicas,

cas, aos 10 anos. Logo depois deram-lhe de presente um pequeno microscópio e, a partir de então, começou a deixar as bonecas de lado para se dedicar a recolher sujidade no ralo da banheira e moscas no quintal, para observar ao microscópio.

Depois de concluir o ensino médio, rumou a Porto Alegre e foi morar numa república de mulheres para fazer o curso superior. Passou com muito boas notas no vestibular (exame de entrada no ensino superior), o que lhe deu o direito de escolher o curso de sua preferência. Optou por Arquitectura na UFRGS, influenciada por uma prima que tinha morado com a sua família durante três anos.

No primeiro semestre do curso, matriculou-se em nove disciplinas, quando o recomendado era apenas seis, como forma de aproveitar o tempo e concluir a licenciatura mais rapidamente. Naquele mesmo semestre, ainda encontrou tempo

1. Cada ano-luz equivale a 9,5 biliões de quilómetros. 60 milhões de anos-luz não deixa de ser uma distância relativamente próxima segundo os padrões astronómicos.

2. Uma espécie de nuvem de gás quente achatada, semelhante a um disco, composta por plasma (o quarto estado da matéria, uma mistura de prótons e electrões) e por hidrogénio que gira em torno de um buraco negro de grande massa.



Foto: arquivo pessoal de Tháisa Storch Bergmann

Tháisa Storch Bergmann com 3 anos de idade, na praia de Tramandaí, Rio Grande do Sul, 1959

para um emprego em *part-time*, mas não lhe sobrava tempo para literalmente mais nada. Depressa percebeu que não era nada aquilo que gostava de estudar. «Durante os primeiros meses do curso de Arquitetura, fiz uma disciplina no Departamento de Física. Comecei a perceber que aquele era o meu meio e pedi logo transferência. A minha família e o meu namorado (actual marido) achavam que eu deveria fazer um curso que permitisse um trabalho a meio tempo para possibilitar uma futura dedicação à família. Acho que aquela pressão teve o efeito contrário. Acabei por escolher uma profissão terrivelmente competitiva que me afastou muitas vezes das actividades familiares.»

Transferiu-se para o curso de Física em 1974, aos 18 anos. No início, achou tudo muito difícil. Costumava tirar boas notas na escola, onde dominava com relativa facilidade os conteúdos. Na universidade, porém, os professores dividiam com os alunos a responsabilidade pelos conteúdos. «Fiquei um pouco atrapalhada no início por não conseguir vencer todas as actividades e leituras propostas. Estudava muito», afirma. Ainda nos primeiros anos

da universidade chegou a prestar provas para ingressar no curso de Música, acreditando ser possível estudar piano e Física, já que tinha praticado o instrumento durante muitos anos na juventude. «Bastou um semestre para me dar conta de que não ia ser possível. A professora de piano queria que eu estudasse quatro horas por dia, e assim não me sobrava tempo para estudar mais nada. Acabei optando pela Física e abandonando o piano», conta.

Logo no início do curso, Tháisa percebeu que gostaria de dedicar a sua vida à investigação científica, mas ainda não era claro aquilo que queria estudar. Foi um professor que influenciou a sua decisão, o astrofísico Edmundo da Rocha Vieira, então responsável pela disciplina de Mecânica Clássica. Tháisa chamou-lhe a atenção e este ofereceu-lhe uma bolsa de iniciação científica durante o último ano do curso de Física. Foi assim que a cientista começou a sua carreira.

«Gostava muito de ler livros de ficção científica. Um dos meus autores preferidos era Isaac Asimov⁴ mas não cheguei a ter um ídolo, ou um modelo. Ficava mais impressionada com as pessoas que conhecia de

3. A existência de um «disco de acreção» em torno de buracos negros supermassivos havia sido proposta apenas em teoria, nunca tinha sido confirmada na prática.

4. Isaac Asimov (1920-1992), escritor russo famoso por popularizar a ciência e como autor de séries famosas, como *Fundação* e *Robôs*, onde criou as três leis da robótica.